A CONSTITUIÇÃO DA PRÁXIS DOCENTE NOS ANOS INICIAIS: LETRAMENTOS E CARTAS PEDAGÓGICAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Edna Vitória Souza de Matos[1]
Raissa Souza Costa[2]
Priscila Alves Pereira[3]

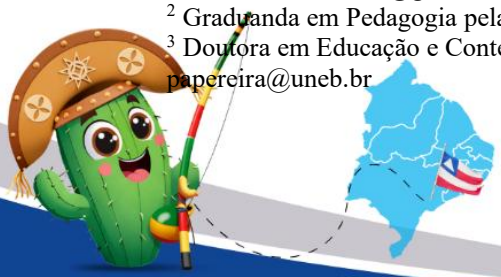
1. INTRODUÇÃO

A educação escolar desempenha um papel fundamental no desenvolvimento pleno das crianças, oferecendo um ambiente propício para a socialização, interação e, de modo muito central, para a aprendizagem da leitura e da escrita. Historicamente, a educação básica brasileira é permeada por desafios estruturais e pedagógicos, o que exige que os(as) professores(as) tenham acesso a uma formação inicial e continuada adequada, a fim de serem capazes de adaptar metodologias às necessidades individuais dos educandos, quando necessário.

Nesse cenário, o ensino da língua materna tem passado por profundas ressignificações teóricas e será o motivo deste estudo. Compreendemos, ancorados nos estudos de Soares (2009; 2020), que há uma diferença entre o saber ler e escrever (ser alfabetizado) e o viver na condição de quem faz uso competente da leitura e da escrita nas práticas sociais (ser letrado). Quando um indivíduo passa a ser letrado, ele alcança outra condição social e cultural, tornando-se capaz de envolver-se plenamente nas práticas socioculturais. Diante dessa complexidade, o estágio supervisionado no curso de Licenciatura em Pedagogia assume um lugar de destaque. Partindo do pressuposto que não o consideramos como a "parte prática" do curso em contraposição à teoria, o estágio configura-se como um campo de conhecimento e pesquisa que favorece o diálogo fecundo entre a escola pública e a universidade.

Foi a partir da inserção nesse campo, vivenciando a realidade de defasagem no desenvolvimento da leitura e da escrita de crianças, que emergiu a necessidade de propormos um projeto de intervenção pedagógica focado no trabalho com gêneros textuais. A experiência no componente

[1] Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: vitoriasouzamatos17@gmail.com
[2] Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: costaraissas2@gmail.com
[3] Doutora em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: papereira@uneb.br



Estágio e Pesquisa nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental despertou em nós o interesse investigativo sobre o papel da práxis docente no ensino-aprendizagem do sistema de escrita alfabética.

Dessa forma, a presente pesquisa, de caráter em andamento, está estruturada a partir da seguinte problemática central: Como a análise da regência desenvolvida durante o estágio nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental evidencia os desafios e as aprendizagens na constituição da práxis pedagógica de professoras em formação inicial? Para responder a tal inquietação, definimos como objetivo geral: Compreender o processo de constituição da práxis pedagógica de pedagogas em formação inicial, a partir da análise sobre a vivência do estágio supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

O delineamento metodológico desta investigação ampara-se em uma abordagem de cunho qualitativo, que coaduna com a perspectiva de Demo sobre pesquisa, compreendendo-a como "atividade científica pela qual descobrimos a realidade. Partimos do pressuposto de que a realidade não se desvenda na superfície. Não é o que aparenta à primeira vista [...] (Demo, 1985, p. 22-23). Para operacionalizar essa investigação, o estudo ancora-se na teoria metodológica da pesquisa-formação (Ximenes, Pedro e Corrêa, 2022) que reconhece a pesquisa como uma prática reflexiva, crítica e transformadora da realidade social, em que os(as) professores(as) (e futuros(as) professores(as)) assumem o lugar de protagonistas e autores de seu próprio processo formativo, culminando na emancipação dos sujeitos participantes em uma relação horizontal de aprendizagem mútua.

O contexto da pesquisa foi delimitado em duas instituições da rede pública municipal na cidade de Teixeira de Freitas – BA, espaço-campo do estágio e identificadas como Escola "A" e Escola "B". A Escola "A", inaugurada no ano 2000, atende alunos que moram em um bairro periférico e passou por recente reforma estrutural. A regência ocorreu em uma turma de 4º ano do Ensino Fundamental, composta por 31 alunos, com faixa etária entre 10 e 13 anos, marcada por distorção idade-série e desafios, como dispersão, dificuldades na relação interpessoal entre os estudantes, defasagens na leitura e escrita (dificuldade em localizar informações explícitas e reconhecer gêneros textuais), além de pouca participação familiar.



A Escola "B", fundada em 2007, também atende turmas dos Anos Iniciais e possui uma infraestrutura em processo de ampliação. A regência nesta unidade ocorreu igualmente em um 4º ano, composto por 33 alunos, incluindo um estudante com Deficiência Intelectual (DI) acompanhado por auxiliar. Em contraste com a primeira realidade, essa turma demonstrou-se bastante receptiva, participativa e organizada, favorecendo relações pautadas no diálogo, embora também apresentasse a realidade de baixa participação familiar na vida escolar e dificuldades acentuadas na leitura, escrita e compreensão de texto.

Como dispositivo principal de produção de informações e reflexão sobre a práxis, utilizamos a análise de Cartas Pedagógicas. De acordo com Fortunato, Franco e Araújo (2025, p. 93), "as cartas pedagógicas são instrumentos de luta que, pelo exercício da reflexão, sistematizam experiências vividas e possibilitam ativar o movimento dialógico de denúncia/anúncio da práxis Freireana". Nesse sentido, apresentaremos a seguir a análise das cartas produzidas pelas estudantes, autoras deste trabalho, como produção final do componente curricular Estágio e Pesquisa nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

3. A PRÁXIS NA FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE: A CARTA PEDAGÓGICA EM ANÁLISE

Os resultados parciais desta pesquisa-formação revelam, preliminarmente, que a inserção das licenciandas nas salas de aula evidenciou a fragmentação histórica existente entre teoria e prática no processo formativo dos educadores. A concepção ingênua de que a profissão se aprende apenas "na prática" por meio da imitação de modelos preexistentes foi fortemente tensionada durante o período da regência. Compreendemos que o papel do pedagogo vai muito além do ato mecânico de ensinar; exige uma reflexão sobre a problemática educativa em sua totalidade, pois uma prática sem análise tende a ser fixa e regida por regras predeterminadas, limitando a aprendizagem.

Ao adotarem uma prática pedagógica embasada na perspectiva dos letramentos, as estudantes-estagiárias, na condição de professoras em formação inicial, buscaram envolver as turmas no mundo da escrita por meio da imersão em gêneros textuais, criando um ambiente alfabetizador. Contudo, a análise das cartas pedagógicas redigidas pelas discentes fez emergir três eixos centrais de discussão sobre a práxis:



Primeiramente, o eixo Planejamento X Realidade: os desafios de ensinar através dos gêneros textuais. Vejamos o relato a seguir:

> Outro aprendizado marcante desse estágio foi a importância da adaptação. Em muitos momentos, o que foi planejado precisou ser modificado. Houve dias em que a turma estava mais agitada, programações escolares e também houve dias em que as atividades fluíram melhor do que o esperado. Nessas situações, precisei aprender a adaptar o planejamento, o tom de voz, as estratégias e até mesmo o tempo das atividades.
> (Estudante-estagiária da Escola A, 2025)

As cartas denunciam a distância entre a intencionalidade pedagógica delineada no plano de aula e as contingências reais da sala, especialmente na Escola "A", onde as defasagens de compreensão leitora (como a dificuldade em identificar substituições lexicais e as funções dos gêneros) exigiram adaptações imediatas e constantes. O texto foi identificado como uma prática social que precisava ser ressignificada coletivamente para fazer sentido àquelas crianças.

O segundo eixo, As tensões do fazer docente: o que a teoria não nos contou sobre a sala de aula, reflete o impacto das desigualdades sociais e dos conflitos em sala. O relato abaixo, revela as percepções de uma das estudantes-estagiárias ao falar da sala de aula:

> Foi nesse espaço que percebi de maneira concreta que ensinar não é apenas transmitir conteúdos mas escutar, compreender, acolher e adaptar-se às realidades e necessidades de cada aluno. [...]Passei a observar não apenas o que os alunos diziam, mas suas expressões, suas reações diante das atividades propostas. Percebi muitas vezes que, por trás de uma dificuldade de leitura ou escrita, existia alguns medos do julgamento, histórias familiares delicadas, falta de incentivo em casa ou experiências negativas anteriores. Isso me fez compreender que antes de ensinar conteúdos, eu precisava escutar histórias, acolher sentimentos e criar um ambiente de confiança onde as crianças se sentissem seguras.
> (Estudante-estagiária da Escola A, 2025)

O desafio de ser proativo diante das incertezas presentes no contexto educacional impôs às estudantes-estagiárias a necessidade de superar o modelo tradicional, no qual o fracasso escolar é frequentemente individualizado e culpabilizado no(a) aluno(a). A complexidade do processo de alfabetização, atravessado por fatores sociais, econômicos e culturais, corroborou com a literatura de que responsabilizar unicamente o(a) professor(a) ou o(a) aluno(a) revela uma visão hegemônica descontextualizada.

Por fim, o eixo A escrita de si: como o registro reflexivo proporcionou um novo olhar sobre ser professora demonstra o potencial emancipatório das cartas pedagógicas. Diferente de relatórios que costumam ter apenas a finalidade de cumprimento de tarefa, a carta exigiu dedicação, intenção, tempo e a mobilização da subjetividade por parte de cada estudante-estagiária.



> No contato com a realidade da instituição de Ensino Fundamental Anos Iniciais, tive a oportunidade de compreender e vivenciar o planejamento e a organização do trabalho pedagógico. Participei de modo ativo nos processos de ensino aprendizagem, e da rotina do ensino fundamental, vivenciando assim, experiências que envolvem o desenvolvimento da leitura e escrita e seus usos sociais. Vivenciei a mediação na prática pedagógica, exercitando o acolhimento e a escuta respeitosa, sendo uma facilitadora no processo de ensino-aprendizagem.
> (Estudante-estagiária da Escola B, 2025)

Como mostra o extrato acima, o exercício da escrita analítica atuou como um dispositivo de formação identitária, permitindo que elas se percebessem como professoras pesquisadoras e, desta forma, compreendessem, analisassem e transformassem suas próprias posturas, assumindo-se como intelectuais reflexivas e não como meras reprodutoras de técnicas.

4. CONCLUSÕES

Ainda que em fase de finalização, o estudo permite concluir que o Estágio Supervisionado, quando concebido como atividade teórica e de pesquisa (Pimenta, 2006), rompe com o paradigma da repetição acrítica de modelos tradicionais e instaura um espaço significativo para a práxis pedagógica. A pesquisa-formação mostrou ser um caminho metodológico fecundo, pois não apenas investigou a realidade das escolas campo de estágio, mas permitiu que as próprias estudantes-estagiárias se reconhecessem como pesquisadoras nesse processo de desvelamento.

A transição de uma concepção focada na mera alfabetização decodificadora para a perspectiva dos letramentos exigiu das futuras pedagogas uma reorganização didática, centrada no uso social da língua. As cartas pedagógicas, enquanto instrumentos de coleta e de autoformação, resgataram a sensibilidade, o afeto e a dimensão política do ato educativo. Por ora, concluímos que a constituição da identidade da professora alfabetizadora é um processo contínuo, permeado por incertezas, mas que encontra na escrita analítico-reflexiva ancorada teoricamente e na escuta sensível os pilares para uma educação efetivamente transformadora e emancipadora.

PALAVRAS-CHAVE: Práxis Pedagógica; Letramentos; Estágio Supervisionado; Cartas Pedagógicas; Formação Docente.

REFERÊNCIAS

DEMO, Pedro. Introdução à metodologia da ciência. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

FORTUNATO, Ivan; FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro; ARAÚJO, Osmar Hélio Alves. CARTAS PEDAGÓGICAS NA E PARA PESQUISA QUALITATIVA NA

FORMAÇÃO DOCENTE: UMA METODOLOGIA PARA HUMANIZAR. Revista Pesquisa Qualitativa. São Paulo - SP, v. 13, n. 35, p. 88-106, jul. 2025.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. Poíesis Pedagógica, Catalão, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2006.

SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SOARES, Magda. Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

XIMENES, Priscila de Andrade Silva; PEDRO, Luciana Guimarães; CORRÊA, Avani Maria de Campos. A pesquisa-formação sob diferentes perspectivas no campo do desenvolvimento profissional docente. Ensino Em Re-Vista. Uberlândia – MG, v.29, p. 1-25, e010, 2022.

